



Uma Visão sobre Alojamentos Universitários no Brasil

Adalberto José Vilela Júnior (mozz@unb.br)

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UnB

Resumo

A partir da vivência em um alojamento estudantil universitário durante o curso de arquitetura, desperta-se o interesse para outros projetos de moradia estudantil no Brasil e no Exterior. Assim, partindo das percepções da Casa do Estudante da Universidade de Brasília, busca-se a compreensão da história do Alojamento Estudantil na UnB, onde fatos, relatos e depoimentos mostram o quão cercado de fortes marcos políticos, ideológicos, econômicos e sociais esteve envolvida a inserção e localização da moradia estudantil daquela universidade. Para tanto se aborda questões de implantação do próprio campus da UnB, hoje campus Darcy Ribeiro.

Tendo aprofundado essa questão, escolhe-se, dentre aqueles edifícios de mesma finalidade, alguns exemplos representativos do período moderno da arquitetura, tanto no âmbito nacional quanto internacional, que poderiam auxiliar no levantamento de subsídios necessários para uma análise comparativa, levando em consideração todas as variáveis de projeto até a conclusão dos mesmos.

Após a aplicação de uma pesquisa qualitativa e exploratória, que envolveu entrevista a moradores de diversos alojamentos e também a arquitetos que projetaram alguns dos edifícios escolhidos, além de uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, conclui-se que os programas de necessidades de projetos dessa natureza devem avançar em três pilares: Convívio social, promovendo a necessária integração dos moradores; Serviço, prevendo a estrutura para atividades domésticas e Espaços específicos, prevendo a implantação de laboratórios, estúdios e ateliês que supram as necessidades extra-classe dos moradores.

Palavras-chave: Alojamento estudantil, Universidade, Brasília, Modernismo

Abstract

From the experience of living in a university student lodging during the architecture course, one's interest is provoked towards other student residence plans in Brazil and abroad. Thus, from the perceptions of Brasilia's University Student Home, there is a search for the comprehension of the Student Lodging history in the Brasilia's University – UnB, where facts, reports and depositions show how much enclosed by strong political, ideologic, economic and social marks was involved

the insertion and location of that university's student residence. For this intent, there is no approach to implantation issues of the UnB campus, today Darcy Ribeiro campus.

Having made a profound study of this issue, it is chosen, among those buildings of same purpose, some representative samples of the architecture's modern period, both in the national and international sphere, that could help in raising the necessary data for a comparative analysis, taking into consideration all the design variables up to their conclusion.

After the application of a qualitative and exploratory research, that involved interviews with dwellers of several lodgings and also with architects that designed some of the chosen buildings, besides a bibliographic research on the subject, it is concluded that the necessity programs of projects of this nature must advance in three pillars: social Familiarity, promoting the necessary integration of the dwellers; Service, foreseeing the structure for house chores and specific Spaces, foreseeing the implantation of laboratories, studios and ateliers that meet the residents' extra-class needs.

Key words: Student lodging, University, Brasilia, Modernism

Introdução

O modelo de universidade tal qual o conhecemos nos dias atuais passou por diversas etapas de transformação de sua estrutura físico-funcional desde o seu surgimento na virada do séc. XIII, e sua posterior afirmação a partir do período Renascentista, onde algumas cidades européias assistiam a um crescimento cultural sem precedentes tornando-se centros de irradiação da época.

Contudo, segundo Fernandes (1974, p.72), é somente a partir do fim da Idade Média que encontramos as primeiras referências ao "campus", definido como espaço de uso coletivo configurado pela distribuição dos prédios de aulas, museus, academias, e contendo ainda os equipamentos ao "ar livre" que pertenciam às universidades, abertos à livre circulação de cidadãos, ligados ou não à instituição universitária.

É nesse meio urbano – o campus – onde as relações entre os membros da comunidade universitária é compartilhada com os moradores, trabalhadores e frequentadores da área em questão. Porém, em um novo conceito de campus – o de Cidade Universitária – amplamente difundido a partir do séc. XX verifica-se um abandono das questões de relações com o meio urbano e com a população não universitária do entorno, pois suas áreas de destino são geralmente delimitadas, inclusive geograficamente, e concebidas previamente como cidade universitária moderna, o que de fato acaba reduzindo a tão desejada interação universidade e sociedade, causando um estreitamento das relações com o meio em que se insere.

Para Fernandes (1974, p.73) o novo campus, o da cidade universitária, perde seu aspecto de continente, passa a ser contido – espacial e socialmente. O novo campus está livre dos elementos estranhos à vida universitária; a cidade, em seu crescimento desordenado, não invade mais o território da universidade. Nem esta invade o da cidade.

Desse modo, podemos inferir que o processo de isolamento das cidades universitárias decorre da maneira como as mesmas foram tratadas físico-espacialmente, com seus centros de vivência, conjuntos sociais, zonas de convívio, entre outros equipamentos previamente definidos.

É nesse contexto que vai surgir o programa de alojamentos universitários modernos, destinados a moradia de professores, alunos e funcionários das instituições de ensino superior espalhadas pelo mundo.

Alojamentos no Exterior - A Experiência Internacional

Visando um maior esclarecimento das questões que envolvem os programas de alojamentos universitários, passamos a apresentar três exemplos desse tipo de edificação, no âmbito mundial, relevantes no tocante às questões de patrimônio cultural, expressão arquitetônica e difusão literária dos mesmos.

- **O Pavilhão Suíço na Cidade Universitária de Paris, Le Corbusier, 1930**

Segundo Baker (1998 p.214), O Pavilhão Suíço apresenta-se juntamente com as villas Stein-de-Monzie e Savoye como um ícone sublime do Movimento Moderno, e sua linguagem arquitetônica lembra a linguagem dessas villas, pertencendo todos à família de formas que constituíram a cidade moderna.

Santiago Calatrava (1989 p.192) descreveu o Pavilhão Suíço como o fruto absoluto da mais avançada e rigorosa interpretação da ciência da construção desse período:

“O projeto para o Pavilhão Suíço de 1930 demonstra um notável avanço nas técnicas de construção daquele período. Não obstante seu sistema construtivo misto, em concreto e aço, os pisos e paredes foram revestidos com diferentes materiais, sendo que as últimas receberam um tratamento acústico especial.”

Toda esse aparato técnico-construtivo não teria tamanha repercussão caso a obra construída não despertasse para a mudança no conceito ortogonal genérico de Le Corbusier observados até então. Seu intrincado jogo de volumes, a larga utilização de materiais naturais como a pedra, seus pilotis em formas de ossos que se desenvolvem a partir do centro, toda essa revolução na maneira de projetar e construir segundo os princípios modernistas corbusianos, apresenta-se, a partir do Pavilhão, como uma nova etapa em suas estratégias de projeto.

“Daqui por diante, a máquina pára de dominar sua visão de mundo, então cada vez mais ele volta a se preocupar com o clima, com a natureza e com a ecologia como sendo fundamentais para a condição humana”. (BAKER, 1998, p.214).

Corbusier parte do estudo do terreno, do entorno, da insolação e das visuais para encontrar uma maneira adequada de implantar seu Pavilhão, e decide obedecer um eixo longitudinal dominante ao sul e voltar os quartos para uma grande área esportiva que ali se encontra. O programa aparentemente simples: Criar um albergue estudantil com alojamentos para 42 estudantes, um

apartamento de Diretor, uma biblioteca/refeitório com uma pequena cozinha, um escritório para a zeladoria, dois quartos para o pessoal de serviços e um solário, exigiu maior atenção quando os acessos, tanto de veículos como de pedestres, foram considerados.

Aqui podemos perceber uma diferença considerável entre a demanda para o Pavilhão Suíço, 42 estudantes, e aquela para o Alojamento Estudantil da UnB, cerca de 400 estudantes, o qual comentaremos mais adiante.

Basicamente, Corbusier realiza duas propostas para a edificação. A primeira, onde um grande bloco horizontal elevado por pilotis de aço unido ao norte com outro bloco retilíneo de circulação vertical e áreas comuns, também sobre os mesmos pilotis, não se encontram de maneira adequada quanto ao direcionamento dos fluxos principais de acesso, assim, uma segunda proposta é lançada a fim de reverter essa situação. Nessa proposta, o formato retilíneo do módulo de entrada para o Pavilhão é modificado por Le Corbusier, onde o núcleo envidraçado com os cantos curvos dá lugar a um módulo em forma de “Y” com espaço angular composto por escada, sala de descanso e dependências do diretor.

Dessa forma, a distribuição entre ambientes públicos e privados são identificadas, tanto internamente como externamente, a partir das elevações do teto, o que permite uma rápida apreensão por parte dos usuários e pelo público em geral.

- **Baker House, Mit, Alvar Aalto, 1947**

Alvar Aalto, arquiteto finlandês pioneiro do movimento moderno, visitou os Estados Unidos pela primeira vez em 1939 na ocasião da inauguração de seu pavilhão para a Feira Mundial de Nova York. Em 1940, de volta à América e durante visita à Escola de Arquitetura do Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT, Alvar Aalto foi designado para projetar um alojamento de estudantes no campus da universidade às margens do Rio Charles.

Antes mesmo de escolher os materiais, Alvar Aalto tomou como diretrizes de projeto algumas questões que considerou essenciais para a situação. O sol, a vista e a intimidade nos espaços interiores fazem parte do cotidiano das pessoas, então deveriam ser prioridades no momento da concepção. Aalto queria que todos os apartamentos tivessem acesso ao sol e à vista do rio Charles.

“Alvar Aalto vai procurar nas formas de uma criação contemporânea européia a solução para alguns questionamentos. A maior parte dos diagramas de base das relações entre os elementos funcionais da Baker House se devem muito ao Pavilhão Suíço de Le Corbusier erguido 15 anos antes”.

O longo espaço dos quartos dos estudantes juntamente com a circulação da fachada sul, os espaços comuns de serviços ao norte e o piso inferior, a separação dos volumes para a sala de jantar e o hall de entrada são idênticos na sua concepção ao sistema de organização da residência concebida por Le Corbusier para a Cidade Universitária de Paris “. (L’architecture d’aujourd’hui, 1977, p. 37)”.

De maneira simplificada, para atender as solicitações programáticas Alvar Aalto criou um grande “M” dispondo unidades de habitação dos dois lados do bloco, mantendo a circulação no centro de forma a se abrir sempre ao encontrar o hall principal em todos os pavimentos tipo. As unidades continuam mantendo unicamente a função de dormitórios, pois cozinha e banheiros são do tipo comunitários, e estão localizados em pontos espalhados pelos andares.

Durante a escolha dos materiais exteriores, Alvar Aalto parece livre para recusar a proposta de uso de cerâmicas para adotar, como um grande admirador de Frank Lloyd Wright, os imperfeitos e irregulares tijolos vermelhos. É a valorização do trabalho artesanal.

- **A Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, Lúcio Costa e Le Corbusier, 1952**

“Um pacto assinado entre Le Corbusier e os brasileiros na pessoa do arquiteto Lucio Costa, o Pavilhão do Brasil, na Cidade Universitária de Paris, poderia receber vários adjetivos e muitas interpretações, menos a de uma realização caracterizada pela unidade de concepção. A proposta inicial, o processo de detalhamento do projeto e sua construção, bem como a obra final inaugurada, são antes de tudo o testemunho de trinta anos de uma atribulada relação entre Le Corbusier e o Brasil”. (SANTOS, PEREIRA, PEREIRA, SILVA, 1987)¹

As relações de Le Corbusier com o Brasil foram complexas e de conseqüências centrais para a produção dos arquitetos brasileiros. A primeira vinda, em 1929, coincide com o momento em que a produção artística européia de vanguarda começava a se difundir no Rio de Janeiro e foi decisiva para a renovação do ensino de arquitetura. Em sua segunda visita, em 1936, Le Corbusier veio a convite do governo brasileiro, encarregado de projetar a nova Cidade Universitária do Rio de Janeiro e atuar como consultor na resolução do projeto do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, Le Corbusier irá manter contatos de trabalho estreitos com alguns jovens arquitetos brasileiros que mais tarde iriam se destacar no panorama arquitetônico nacional e internacional.

O episódio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro marca um momento fundamental na relação entre o arquiteto franco-suíço e o Brasil. Sua credibilidade internacional é um fator inquestionável naquele momento, e sem dúvida suas estratégias de projeto foram diretamente apreendidas pela equipe brasileira, constituída por Lucio Costa, Affonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcellos, Carlos Leão, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. Diante da mudança de sítio para a construção do edifício, feita ainda antes do retorno de Le Corbusier para a França, a equipe designada para desenvolver o seu risco original se vê obrigada a rever o projeto para, finalmente elaborar uma outra proposta, porém guardando muito do partido deixado por Corbusier. Fica latente uma mudança de valores em que os discípulos resolvem inferir no resultado final, o que confere à arquitetura brasileira reconhecimento internacional após a conclusão do edifício.

De acordo com Ficher (1987, p.12), de 1952 a 1953, Lucio Costa participou, juntamente com Walter Gropius, Le Corbusier, Sven Markelius e Ernest Rogers, da Comissão dos Cinco,

encarregada de opinar sobre os projetos para a sede da UNESCO em Paris. Nesta ocasião fez o ante-projeto para a Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris que serviu de base para o projeto definitivo de Le Corbusier.

Assim, durante uma viagem a Portugal, a serviço do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Costa entrega a Le Corbusier o seu anteprojeto para a Casa do Brasil. Conforme o próprio Costa:

“Os desenhos fazem parte do risco original que serviu de base à elaboração do projeto definitivo, por mim confiado – com carta branca – ao atelier da Rua Sèvres e efetivamente construído, a título compensatório por sua decisiva interferência [de Le Corbusier] no caso do Ministério da Educação e Saúde, em 1936”. (COSTA, 1995, p. 233).

A Casa do Brasil apresenta-se, portanto, simbólica e formalmente, como um compromisso entre um projeto inicial de Lucio Costa e a intervenção de Le Corbusier.² Essa intervenção de Le Corbusier no projeto da Casa do Brasil, muito além das técnicas experimentais e inovadoras utilizadas na sua concepção como elementos pré-fabricados, aquecimento nos pisos e vidraças duplas, conferiu-lhe um caráter de distanciamento daquele risco original onde o vocabulário brutalista característico dessa fase do trabalho do arquiteto francês interfere em um anteprojeto que contém os traços essenciais da moderna arquitetura brasileira.

Essa profunda alteração de linguagem e expressão na Casa do Brasil vai nos remeter a um período da obra de Le Corbusier onde, tanto a estrutura como a própria expressividade dos materiais, em particular o concreto armado, são as bases dessa nova vertente que se inicia no período da Segunda Guerra e toma impulso a partir dos anos 50. Assim, os reflexos dessa nova conduta de Le Corbusier serão sentidas em obras como a Unidade de Habitação de Marseille, os prédios em Chandigarh e o Convento de La Tourette.

Dessa forma, tendo em vista, de um lado, os anseios e preocupações de Lucio Costa para com o projeto e, de outro, a nova orientação na arquitetura de Le Corbusier, resta-nos refletir sobre a continuidade do projeto para Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, cujo risco de Lucio Costa, um típico representante da arquitetura racionalista do Rio de Janeiro, depara-se com o anteprojeto brutalista de Le Corbusier.

Alojamentos no Brasil – O Modelo Nacional

Atualmente contamos com mais de 115 Casas de Estudantes espalhadas por todo território nacional, as quais se apresentam das mais diversas formas desde pequenas casas coloniais como as repúblicas estudantis de Ouro Preto em Minas Gerais, até modernos conjuntos residenciais como o CRUSP, na Cidade Universitária de São Paulo.

A Construção de um Campus e sua Política Social

Compreender a história do Alojamento Estudantil na UnB é imergir na própria história da Universidade. “Concebida com a intenção de servir de elemento indutor da modernização da universidade no Brasil, a UnB propunha-se a romper com o distanciamento da universidade relativamente ao processo de desenvolvimento do país e constituir-se ainda em importante centro intelectual e científico ao nível latino-americano, além de formar quadros para docência e pesquisa”. (MARICATO; KOHL; PAMPLONA, 1974, p. 92).

O Campus da Universidade de Brasília foi situado em 1960 por Lúcio Costa entre a Asa Norte e o Lago, numa área de 357 hectares, correspondente à zona destinada na Asa Sul, à sede das Embaixadas. É circundada por uma larga estrada que corre ao longo do lago – a Via da Universidade – no meio da qual se encontra a Praça Maior, onde se concentram os edifícios de interesse comum à Universidade e a cidade, tais como a Reitoria, a Biblioteca e o Museu.

Toda a área é cortada de estradas, predominantemente curvas, que pela suavidade contrastam nitidamente com as linhas hieráticas do conjunto monumental da cidade. Estas vias conformam, bem no meio do Campus, uma vasta área gramada em torno da qual se situarão os edifícios dos Institutos Centrais. Daí, conjugadamente, com cada tipo de instituto, partem as zonas destinadas às Faculdades com os mesmos relacionada, formando junto do Instituto de Artes o núcleo de Arquitetura e Urbanismo.

Uma área especial foi destinada aos serviços gerais, de restaurante, lavanderias, comércio, etc. Entre esse conjunto e o Estádio Universitário, situado num dos extremos do Campus, se localiza a área de residências de estudantes e professores. Do lado oposto, entre duas avenidas paralelas, se dispõe, em diversas faixas separadas por muros de árvores, todas abertas para o Lago, as Casas nacionais de Língua e da Cultura, formando um bairro à parte³.

A coexistência entre os setores residencial e esportivo estava originalmente prevista no plano piloto da UnB. De certa forma essa idéia foi preservada até os dias atuais, o que Lucio Costa não esperava era que esse encontro se daria quase às margens do Lago Paranoá, o oposto de seu plano original. O que era para se tornar um setor de acesso fácil e rápido através da Via L3 Norte, acabou situado abaixo da Via L4 Norte e isolado do restante da vida universitária. Voltaremos a essas questões mais adiante para entender como se deu o processo de implantação dos Alojamentos.

Ao perfazer o histórico do campus, admite-se que a área de localização dos prédios de Serviços Gerais (SG), de construção anterior ao Instituto Central de Ciências – ICC e responsáveis por várias unidades provisórias de ensino caracterizou-se (MACEDO; NEIVA, 1974, p.55) como o pólo principal e espaço de maior interesse vivencial da Universidade, acrescido o fato de os alojamentos próximos aos edifícios para ensino e pesquisa passarem a ser destinados a estudantes, o que constituiu um setor dinâmico na vida do Campus.

Não obstante tal constatação, as residências estudantis haviam sido transferidas, a partir de 1970, para junto do Centro Olímpico. (RODRIGUES, 2001, p.113).

“A Universidade ainda não tinha nenhum prédio, e começou a funcionar em salas de um ministério, único lugar disponível. Mas o Alcides se recusou a ficar ali com o Instituto. Preferiu o cerrado. Ali só havia dois alojamentos da OCA, mas foi assim que os alunos começaram a desenhar a natureza e a ver os prédios da Universidade serem construídos. Foi muito adequado ter os alunos nos canteiros de obras, com o curso começando. Não era fácil trabalhar naquela ocasião. Brasília estava muito crua, veio logo a época da seca e naquela área tinha uma poeira danada. O que segurou tudo foi o entusiasmo que as pessoas tinham pelo que estavam fazendo e a liderança do Alcides, com o entusiasmo contagiante dele”. (FROTA, 1983, p.75)

Os prédios mencionados no depoimento acima do Prof. Elvin Mackay Dubugras dizem respeito às três edificações pré-moldadas de dois pavimentos em madeira construídas pela empresa OCA, logo abaixo do conjunto da Faculdade de Educação, projetado pelo arquiteto e professor Alcides da Rocha Miranda. Dois deles serviram como alojamentos provisórios de professores e assistentes, e mais tarde, com o fechamento da Universidade em 1965, foi invadido pelos estudantes. O terceiro, de planta quadrada, abrigou um pequeno restaurante. A partir de 1963, os professores gradativamente deixam os barracões da empresa OCA, para se dirigirem às novas residências, projetadas por Lelé, recém concluídas utilizando a inédita tecnologia de pré-moldagem no Brasil, a Colina Velha. Atualmente resta apenas o OCA-2, que funciona como creche e sede da segurança. Existem planos para transformá-lo em Museu Histórico da UnB.

“A locação do conjunto residencial na Colina, reunindo hoje os diferentes segmentos (professores, alunos e funcionários) e explorando o potencial de maior aglutinação numa área que 59 dias antes⁴ ainda se encontrava totalmente coberta pela vegetação típica do cerrado, técnicos e candangos⁵, em ritmo de trabalho inédito, conseguiram erguer 2 pavilhões para hospedagem de professores visitantes e residência de assistentes (OCA 1 e OCA 2), o Restaurante Provisório, os edifícios da Faculdade de Educação (FE 1 e FE 5) e ainda o prédio onde funcionou, até 1974, a Reitoria (FE 3). Foram nestes últimos blocos que funcionaram os primeiros cursos da Universidade de Brasília”. (PLANO DE DESENVOLVIMENTO FÍSICO – UnB, 1974, p. 55).

A partir daí, várias tentativas de se estabelecer algum tipo de moradia provisória no Campus, que abrigassem principalmente os estudantes, se sucederam até aquela que seria a instalação definitiva mas que só veio a concretizar-se na década de 1970.

Ainda em caráter provisório, a “Casinha” foi uma experiência do início das construções na UnB, que alojou em prédios diferentes moças e rapazes. Eles estavam localizados onde hoje funciona a Faculdade de Tecnologia e o outro, no terreno imediatamente em frente ao estacionamento sul do ICC. Eram Barracões de madeira com cobertura duas águas, sem muito conforto, mas que foram

fundamentais para que a Reitoria percebesse a necessidade de implantação de uma política social dentro do Campus.

Em 1962, Oscar Niemeyer projetou o que seria a primeira tentativa da administração da Universidade em tentar resolver o problema de habitação no Campus com o uso da produção em larga escala. Assim, foi concebido um módulo pré-fabricado de 42 toneladas em concreto armado com 45 m² de área. Essas unidades, passíveis de receber até três vezes o seu peso, poderiam ser utilizadas como habitação individual ou coletiva, podendo ser empilhadas em até quatro pavimentos, formando jardins internos entre os módulos. Foi construído um protótipo que se encontra no estacionamento da entrada sul do Instituto Central de Ciências. Na década de setenta, o módulo existente era ocupado como posto de atendimento médico, e hoje abriga a barbearia/sapataria da UnB.

Enquanto isso uma equipe do Centro de Planejamento – CEPLAN, que tinha Oscar Niemeyer como coordenador e João Filgueiras Lima, Lelé, como secretário executivo, lançam o novo Plano Urbanístico para o Campus. Essa proposta, de 1962, continha os primeiros riscos de Niemeyer de adequação do plano original, com o lançamento da idéia da construção de um único edifício que congregaria todos aqueles institutos no centro do terreno, obedecendo inclusive a mesma localização e curvatura sugerida por Lúcio Costa. Nascia o Instituto Central de Ciências – ICC.

Em 1963, apresentaram uma proposta de utilização de área doada à beira do lago e aproveitaram para definir a Praça Maior nas proximidades do ICC, com quatro edifícios: Biblioteca Central, Museu da Civilização Brasileira, Aula Magna e Reitoria.

No mesmo ano, incorporou-se ao Campus a área de 110 hectares destinada ao Centro Desportivo e a criação de um conjunto projetado por Oscar Niemeyer, o então chamado Centro Olímpico para a Juventude de Brasília. Um novo estudo introduziu modificações no plano original, sem alterar-lhe a concepção geral. Assim, aquela área no extremo norte do terreno inicialmente destinado às residências de alunos e professores, agora abrigaria exclusivamente os alojamentos do corpo docente da Universidade. Tem início a luta dos estudantes por condições de moradia dentro do Campus da UnB.

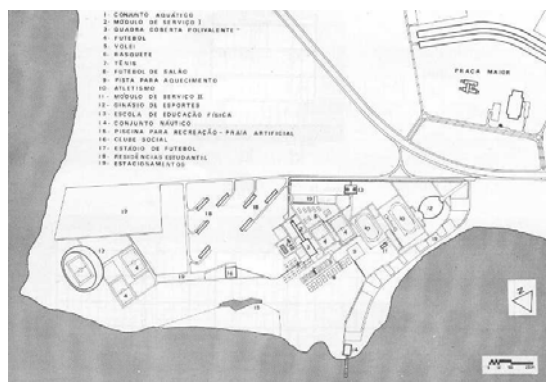


Figura 1 - Plano Geral do Centro Desportivo UnB

Fonte – Plano de Desenvolvimento Físico UnB

Posteriormente, resolveu-se transferir os alojamentos de estudantes para junto do Centro Desportivo, ficando as habitações de professores situadas como previsto anteriormente, no local denominado Colina”. (PLANO DE DESENVOLVIMENTO FÍSICO – UnB, 1974, p. 51).

Estava institucionalizada a segregação entre a habitação para professores e estudantes na UnB. Com a ocupação oficial do Setor Península 1 para fins esportivos, é perfeitamente compreensível a adequação do discurso militar da época de justificar que os estudantes deveriam permanecer próximos aos equipamentos esportivos da Universidade, para se ocuparem com atividades saudáveis para o corpo e para a mente, “mens sana, corpore sano”, à necessidade de separar as atividades dos alunos daquelas envolvidas no cotidiano dos professores, que agora dispunham de um local privilegiado para suas moradias, e que viria a ser expandida nos próximos anos com a construção dos novos blocos de seis pavimentos dotados de elevadores, a chamada Colina Nova.

“O Centro Desportivo da Universidade de Brasília é um local destinado à prática ou assistência à atividades desportivas e ao mesmo tempo uma área de lazer para a população universitária. O terreno tem um declive uniforme de 2,5% no sentido da Avenida para o Lago. Dele, como de todo o Campus, tem-se um amplo descortínio do Lago e da Península Norte. Tendo em vista as atividades possíveis de serem realizadas, o programa do centro Desportivo compreende os setores de Prática Desportiva, Competição, Recreação e Ensino”.⁶

O Plano acima é claro de intenções quando coloca no meio daquela grande área, que mais tarde vai se chamar Centro Olímpico – CO, um conjunto de habitação para estudante composto por oito blocos, sendo sete para abrigar as residências e um clube social localizado na parte mais baixa do terreno, próximo à praia artificial.

O projeto do Centro Olímpico de autoria dos arquitetos e ex-professores da FAUUnB, Márcio Villas Boas, Paulo de Mello Zimbres e Ricardo Farret, surpreende tanto pela quantidade de equipamentos, quanto pela abrangência da estrutura prevista. Porém, mesmo o complexo esportivo e de moradia proposto inicialmente não tendo atingido o esperado quando idealizado, beneficiando um número expressivo de estudantes, contribui para que se mantenha a prática esportiva e o exercício social dentro da Universidade.

- **A Casa do Estudante Universitário – Brasília, Léo Bonfim Júnior e Alberto Xavier, UnB, 1970**

A primeira proposta para o edifício que abrigaria a Casa do Estudante da UnB foi elaborada pelos arquitetos Léo Bonfim Júnior, Alberto Fernando Xavier e Solon Leão P. de Souza (colaborador) em 1969 e foi concebido no sistema construtivo de pré-moldados em concreto.

Naquele ano, a mesma equipe de arquitetos do CEPLAN se viu pressionada a modificar rapidamente seus planos para adaptar-se às novas exigências da Reitoria que, tendo o resultado da licitação para a execução dos prédios sido considerado ilícito⁷, exigiu com máxima urgência a

preparação de um outro projeto, completamente diferente do anterior, e que dessa vez, fosse feito para ser executado da forma tradicional do concreto moldado in loco.

A exigência foi cumprida, com muito esforço por parte dos arquitetos e suas equipes, e o resultado foi bastante expressivo no que diz respeito à configuração de um espaço destinado ao Alojamento Estudantil da Universidade. A obra teve início em Janeiro de 1970, e para a felicidade de muitos estudantes que aguardavam aquele momento, estava concluída no ano de 1972.

O conjunto para habitação de estudantes localiza-se na área do Centro Desportivo, tendo acesso independente ligado ao prolongamento da via L4 Norte. Estão construídos atualmente dois, do conjunto de oito edifícios projetados.

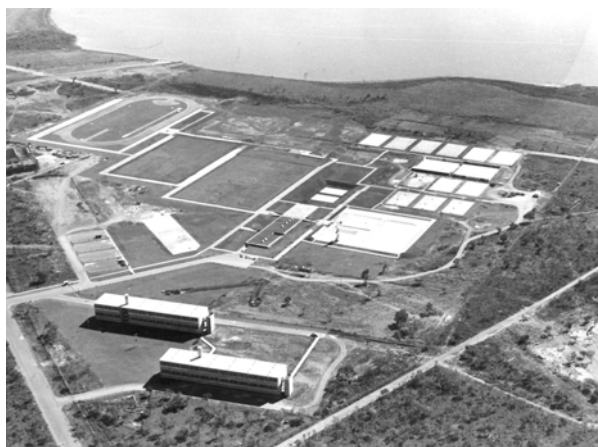


Figura 2 - Vista aérea do Centro Olímpico e Alojamentos - UnB

Fonte – Centro de Documentação - CEDOC - UnB

O edifício, sobre pilotis, contém unidades de habitação tipo “duplex” de modo a assegurar completa independência entre as atividades de dormir, situadas no pavimento superior, e as de estar, estudo, higiene física e pequena cozinha, situadas ao nível da entrada do apartamento.

O pavimento superior com área menor que o inferior, liga-se a esse visualmente, assegurando uma integração rica do ponto de vista espacial. O número de apartamentos por bloco é de 46, com capacidade para 6 estudantes cada um, num total de 544 nos dois blocos.

O prédio possui uma volumetria pura, um grande prisma retangular solto do chão e suspenso por pilotis repousa ao lado do parque aquático do Centro Olímpico e próximo às margens do lago Paranoá.

Uma proporção muito agradável visualmente e confortável ao nível das pessoas de passagem pelo pilotis foi encontrada no lançamento das alturas para aquele espaço, como podemos perceber abaixo. Essa altura a que nos referimos, do piso do pavimento térreo à face inferior da viga de sustentação do primeiro pavimento, corresponde, no atual projeto, à 2,22 metros, o que se aproxima bastante daquela seção áurea estipulada por Le Corbusier de 2,26 metros em sua invenção de dimensões harmônicas com a escala humana - “O Modulor” de 1946.

A necessidade de espaços voltados para serviços gerais, como lavanderia, depósitos, cantina, etc. fez com que os mesmos se instalassem no prédio de maneira desordenada e sem infraestrutura adequada, como é o caso da lavanderia que ocupa uma pequena sala no térreo do bloco “B”, a qual não possui dimensões adequadas para comportar todos os equipamentos necessários para o sistema que se baseia na prestação de serviços.

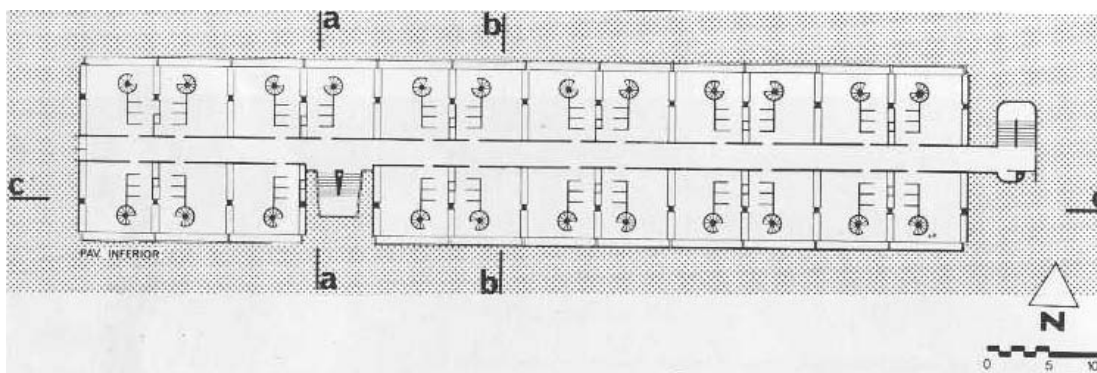


Figura 3 – Alojamento UnB – Pavimento circulação

Fonte – Plano de Desenvolvimento Físico – UnB

O acesso aos apartamentos se dá através de uma escada, cuja caixa colocada lateralmente à fachada leste como um volume anexo ao resto do edifício destaca-se pela imponência, e que faz a ligação com o prédio através de duas passarelas alinhadas dispostas em alturas diferentes.

Contudo, ao sair das escadarias o visitante ou morador depara-se com um longo corredor central, não muito convidativo, que se estende do primeiro ao último apartamento, tendo apenas duas aberturas por andar ao seu final. A atual configuração dos pavimentos tipos do CO, apartamento-corredor-apartamento, além de não favorecer algumas questões físico-climáticas como a ventilação cruzada, cria uma sensação de clausura no interior do longo corredor.

Porém, a importância social desse corredor na Casa do Estudante é algo a ser explorado e aprimorado, pois o mesmo, além de receber e distribuir todo o fluxo de pessoas em direção aos apartamentos, funciona como elemento de vivência entre os moradores.

Em dias de festas, como reforçou em entrevista o arquiteto Léo Bonfim:

“Esse corredor faz o prolongamento da unidade habitacional, permitindo que o evento também aconteça ali. Antigamente, o corredor tinha a função de iniciação dos “calouros de CO”, o que correspondia a alguma atividade que deveria ser realizada naquele lugar”.⁸

Partindo para o estudo da unidade de habitação, de 67 m², vamos nos deparar com uma célula detalhada, tanto em termos de equipamentos para o bom funcionamento da unidade como na qualidade de algumas de suas peças moldadas em concreto, como a bancada, o tanque e o brise soleil.



Figura 4 - Alojamento UnB – 1972

Fonte – CEDOC -UnB

De fato a opção por garantir a independência das funções internas foi preservada na hora da concepção daquele espaço. Ao adentrar o apartamento, o primeiro ambiente, a sala de estar, que possui dimensões consideráveis para o padrão que hoje conhecemos, 3,30 x 6,65 m, já se apresenta cheio de luz e com uma bancada de concreto ao fundo.

Organizado pelo eixo da escada helicoidal de concreto que divide, tanto em planta como em elevação, as partes sociais, de serviço e dormitórios, o apartamento está articulado em seu nível inferior pelos dois cômodos, também alinhados ao eixo da escada, destinados a abrigar isoladamente chuveiro e vaso sanitário.

Uma pequena bancada com uma pia no centro e armários localizados na parte inferior sintetizam a função de cozinha na unidade, o que não chega a ser suficiente para que se desenvolvam as atividades inerentes ao local. Porém, devemos considerar que instalações hidráulicas daquela natureza não eram algo muito comum nos programas de alojamentos estudantis daquela época, onde normalmente se utilizavam apenas de um lavatório interno. Os chuveiros, divididos em masculinos e femininos, eram colocados em larga escala em pontos definidos nas plantas dos pavimentos tipos para atender igualmente a todos os apartamentos.

A idéia de cozinha dentro da unidade, por menor que seja e em contaponto àquelas comunitárias que se faziam nas extremidades dos alojamentos mais antigos, é muito bem recebida pelos moradores, que podem contar inclusive com uma pequena área de serviço ao lado compreendida por um tanque abaulado de concreto colocado junto à caixa da escada e um armário secador de roupas imediatamente em frente.

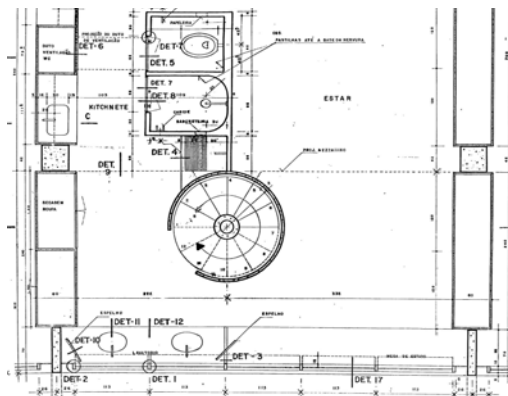


Figura 5 - Unidade de Habitação - Nível inferior

Fonte – CEPLAN - UnB

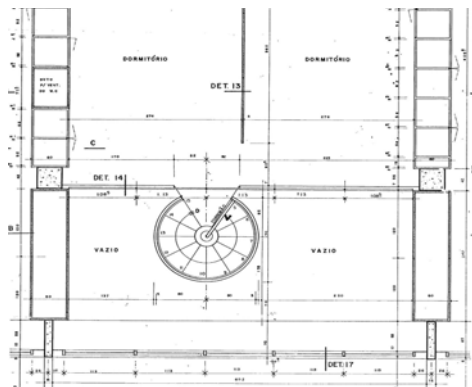


Figura 6 - Unidade de Habitação - nível superior

Fonte – CEPLAN - UnB

No nível superior da unidade de habitação estão os dormitórios. Um grande espaço ocupado por quatro camas separadas duas a duas por uma divisória com armários embutidos nas laterais foi a opção mais próxima encontrada pelos arquitetos para resolverem uma determinação do programa, que vinha da Reitoria, que estabelecia uma integração entre os moradores em detrimento à individualidade de quartos separados.

Conclusão

O programa de necessidades elaborado para os atuais blocos A e B do conjunto de moradia estudantil junto ao Centro Desportivo da Universidade de Brasília, atende as necessidades físicas, psicológicas e estudantis dos moradores. Contudo, baseado nas impressões dos atuais moradores, juntamente comparado com os diferentes exemplos apresentados durante o trabalho, verificamos que o Alojamento Estudantil da UnB e os demais alojamentos analisados carecem dos seguintes aspectos:

Área de convívio social: o prédio atual possui uma vida muito restrita às unidades de habitação, o que gera e a falta de relacionamentos vai contra uma das principais características da Casa do estudante – promover a integração dos moradores.

Área de Serviço: todas as áreas destinadas aos serviços domésticos mostraram-se insuficientes e, em muitos casos, antipráticas, tornando a vida dos estudantes mais difícil ao se resolver questões pequenas, porém essenciais.

Usos específicos: a carência dos atuais alojamentos estudantis diante da inexistência de espaços de usos específicos é notória. Ao observar alguns exemplos, principalmente os internacionais, percebe-se uma maior reunião de áreas destinadas aos diversos ramos do conhecimento, como

música, artes plásticas e teatro, o que só vem a contribuir com a desejada diversidade de uma Casa do Estudante.

Tendo apontado algumas características de alguns edifícios destinados ao alojamento de estudantes, tanto no Brasil como no exterior, fica evidente que problemas de projetos são encontrados nos prédios atuais, o que não desmerece, de forma alguma, a intenção dos arquitetos no momento em que foi concebido, apenas retifica-se, a título de sugestões, a fim de garantir um maior conforto aos seus moradores.

Assim, se esses aspectos que não tiveram tanta atenção em alguns exemplos levantados, não pela capacidade de seus arquitetos, mas por razões externas que às vezes determinam nossas ações, não puderam ser contempladas, que passemos a refletir sobre a situação da grande quantidade de brasileiros que se utilizam dessa experiência para atingir seus objetivos como etapas de suas vidas.

Notas

¹ Projeto, 1987, edição especial centenário Le Corbusier 1887 – 1987. Periódico de arquitetura e urbanismo.

² Entrevista do arquiteto André Wogenscky a Cecília Santos, Margareth Pereira, Romão Pereira e Vasco Silva em 16/06/1987.

³ De acordo com o Plano Orientador da Universidade de Brasília, UnB, 1962.

⁴ Refere-se à data de inauguração da UnB, em 21 de abril de 1962.

⁵ Candango é uma palavra de origem africana que, segundo o dicionário Aurélio, significa vilão, ruim, ordinário. Foi utilizada pelos africanos como designação dos portugueses. O termo caiu em desuso, passando mais tarde a ser utilizado em relação aos operários das grandes obras de Brasília, oriundos principalmente do Nordeste brasileiro.

⁶ Plano de Desenvolvimento Físico da UnB -1974, pp. 75.

⁷ De acordo com depoimentos em entrevista do prof. Antônio Carlos Coutinho cedida ao estudante da FAUUnB Dionísio França em 15/05/98.

⁸ Entrevista realizada pelo aluno da FAUUnB Adalberto Vilela com o arquiteto Léo Bonfim Júnior em 12/07/2002.

Referências Bibliográficas

BAKER, Geoffrey H. Le Corbusier – Uma análise da forma. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

BOESIGER, Willy. Le Corbusier – The Complete Architectural Works – Volume II – 1929-1934, Thames and Hudson, Londres, 1966.

BOESIGER, Willy. Le Corbusier – The Complete Architectural Works – Volume VII – 1957-1965, Thames and Hudson, Londres, 1966.

BOESIGER, Willy. Le Corbusier. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

- CALATRAVA, Santiago. The Open Hard Architecture-Engineering. In The footsteps of Le Corbusier, editado por Carlos Palazzolo e Ricardo Vio, Nova York, 1989, pp. 192.
- C. R. Santos; M. Campos; R. S. Pereira, V. Silva. Le Corbusier e o Brasil. ProEditores, Tessela, São Paulo, 1987.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Arquitetura moderna, estilo Corbu, pavilhão brasileiro. In. Revista Arquitetura e Urbanismo, n.26. São Paulo: Pini. 1989
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Protótipo e monumento, um ministério, o ministério. In. Revista Projeto, n.102. São Paulo: Projeto. 1987.
- COSTA, Lúcio. Registro de uma Vivência. Empresa das Artes, São Paulo, 1995.
- FERNANDES, Ari Vicente. Campus e o meio urbano universitário. CJ. Arquitetura, São Paulo, ano 1, n. 4, p.72 –91, fev./abr. 1974.
- FLEIG, Karl. Alvar Aalto. Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- FRANÇA, Dionísio Alves de. Catalogação da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Relatório final - PIBIC – UnB, Brasília, 1998.
- FROTA, Lélia Coelho. Alcides da Rocha Miranda – Caminho de um arquiteto. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1933.
- L'architecture d'aujourd'hui, Paris, n. 191, Setembro,1977. Número especial: Alvar Aalto
- MACEDO, Adilson C., NEIVA, Cláudio C. Plano diretor físico da Universidade de Brasília. Brasília, DF: [s.n], 1974.
- MARICATO, Ermínia; KOHL, Massako M., PAMPLONA, Telmo L., A Ocupação do Espaço: alguns casos. CJ. Arquitetura, São Paulo, ano 1, n. 4, p.95-98, fev./abr. 1974.
- MASSACHUSETTS INSTITUT OF TECHNOLOGY. Art and Architecture at MIT: a walking tour of the campus, Cambridge, Massachusetts, 1982.
- PAULINO, Fernando Oliveira e LAUANDE, Cláudia Cristina. Alojamento Estudantil segundo Campus: Discurso e Memória. Trabalho final de graduação, UnB, Brasília, 1999
- RODRIGUES, Luiz A. Fernandes. Universidade e a Fantasia Moderna : a falácia de um modelo espacial único. Niterói, RJ, EdUFF, 2001.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Planejamento Físico do Campus de Brasília. Brasília, DF, CEPLAN, 1972.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Plano Orientador. Brasília, DF, 1972.